

SILVA FREIRE E WLADimir DIAS PINO: POÉTICAS DE VANGUARDA EM MATO GROSSO

Isaac N. A. Ramos¹



Resumo: A Literatura Brasileira durante o modernismo experimentou diversas experiências de poéticas de vanguarda, seja na semana de Arte Moderna de 22, seja em meados do século XX com o Concretismo, Neoconcretismo até chegar ao Poema-Processo. Wladimir Dias-Pino é um dos autores que participou do movimento concretista e fundou o intensivismo, juntamente com o amigo e poeta Silva Freire, nos periódicos modernistas de Mato Grosso, em defesa da cultura mato-grossense. Papel fundamental na história da Literatura Mato-grossense.

Palavras-Chave: Poesia visual, poema-processo, intensivismo, vanguardas poéticas, comparativismo.

Abstract: During the Modernism, the Brazilian Literature experimented several experiences of poetics of vanguard, even during the 22nd Modern Art Week or in the middle of the XX century with the Concretism, Neoconcretism until they arrive to the Process-Poem. Wladimir Dias-Pino is one of the authors of the concretist movement and with Silva Freire, his friend and poet; they created the intensivism in the Mato Grosso modernist periodic, which has a fundamental role in mato-grossense Literature history.

Keywords: Visual poetry, process-poem, intensivism, poetic of vanguards, comparativism.

O Movimento da Poesia Concreta surgiu no Brasil nos anos 50, floresceu em outros países nas décadas de 60 e 70 e no presente ainda frutifica. São signatários desse movimento os irmãos Augusto de Campos, Haroldo de Campos e Décio Pignatari. O grupo teve outros nomes que dele fizeram parte, como Ferreira Gullar e Wladimir Dias Pino. O movimento em si se caracterizou por um radicalismo morfológico textual, simultaneidade dos signos verbais e não-verbais, visualidade visual e objetiva, de forma que a palavra é objeto, o texto é matéria e há uma sintaxe combinatória. Além disso, o significante/significado é uma semântica outra.

Na poesia concreta ocorre a espacialização dos signos verbais. Ela teve um manifesto: Plano Piloto para a Poesia Concreta (1958). A Teoria da Comunicação, de Roman Jakobson e Abraham Moles, teve um significado importante para esse movimento. Nem todos os participantes concordaram com o encaminhamento político e a prática poética executada pelos autores do primeiro manifesto. Isso gerou uma série de divisões. O próprio Ferreira Gullar, por mais de uma vez, afirmou que foi convidado pelo grupo a participar e acabou tendo um desentendimento

estético; outros, como Dias Pino radicalizaram para fundar o poema-processo. O resultado estético chegou a ter um componente ideológico bem evidente no final da década de 60. Com a criação dos Centros Populares de Cultura (CPCs) pela União Nacional de Estudantes (UNE), momento em que Silva Freire foi Diretor de Cultura dessa combativa entidade estudantil, o tom de criticidade e ousadia estética aumentou.

“Os poetas do movimento do Poema-Processo (livres do sofisticado do heroísmo) têm a consciência das dificuldades de ser vanguarda e mais do que isso, sabem que ao dissociar a Poesia (estrutura) do Poema (processo), separaram, definitivamente, o que é língua de linguagem dentro da literatura”. Assim vem registrado nas primeiras páginas do livro *Processo: linguagem e comunicação*, de Wladimir Dias Pino, contendo textos fundamentais desse movimento. A obra abre uma concessão sob a forma de livro e traz material da 4^ª Exposição Nacional de Poema/Processo em abril de 1968, no Museu de Arte Moderna da Bahia.

Os dois autores, Pino e Freire, criaram juntos as revistas *O arauto da juvenília* e *O saci*, importantes publicações que serviram para

¹ Professor Assistente da UNEMAT. Mestre em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa pela USP. Organizador do livro *Ensaio de Literatura Comparada: Portugal, Brasil, Angola e Cabo Verde*, juntamente com Agnaldo Rodrigues. Diretor do Instituto de Linguagem (Gestão 2003/2007).



divulgar novos valores no estado de Mato Grosso. Segundo Hilda Dutra Magalhães, Silva Freire é um “autor experimental, sua arte desafia o bom tom e o conservadorismo da literatura clássica” (2001, p.162). Rubens de Mendonça, ao falar sobre um poema do autor dedicado ao Marechal Rondon, assim se expressou: “o verso não entendi, mas foi muito elogiado por Gervásio Leite e João Antonio Neto” (2005, p. 196-197).

As bases em que se estruturam essa nova fase da produção literária em Mato Grosso e no Brasil são frutos do bafejo modernista do começo do século XX, a partir das vanguardas européias. É importante frisar que não se tratam propriamente de textos engajados acerca do fazer literário, da composição do poema e da divulgação dos mesmos. No Brasil, dentre os diversos movimentos surgidos no final da década 60 e começo da década de 70, destaca-se a Poesia Marginal, ou Alternativa, ou Independente. São os poetas da geração mimeógrafo. No caso dos autores em estudo, eles não se enveredaram por essa enseada e utilizaram recursos mecânicos, tipográficos e arquitetônicos que causaram surpresa e até estranhamento ao seus leitores.

Ao falar sobre a *Trilogia Cuiabana*, de Silva Freire, Gomes afirma que bem poderia se chamar “Anatomia cuiabana”, dado o visceral compromisso com a cuiabana “[...] E Silva Freire, ao incorporar o patrimônio popular à tradição vanguardista do Concretismo, une o popular ao erudito, dialogando com os textos históricos, jornalísticos, jurídicos e outros, na confabulação do texto novo” (2001, p.171). Enquanto isso, um dos maiores estudiosos da poesia de Wladimir Dias Pino, Sergio Dalate, menciona que “além da imagem existente está outro significado poético que diferencia o poeta simbolista do poeta intensivista.” (2004, p.120). E ao falar sobre o material de sua poesia, o mesmo estudioso afirma que “a linguagem matemática, a visão da física e da geometria, o trabalho sobre o suporte e os processos correlatos por ele desenvolvidos são instrumentos de produção” (p. 124-125).

Um das discussões básicas que gostaria de apresentar é como se constituem essas poéticas, considerando que grande parte da historiografia literária e, sobretudo, dos estudos críticos literários, acabam deixando de lado a análise de poemas que trabalham com o mínimo de palavras. Normalmente só se encontram estudos desse tipo quem trabalha com a poesia concreta. Então

penso que esse seja o desafio maior. Aproximar obra e crítica sem separação de gêneros, sem se prender à forma e sem ter uma idéia pré-concebida acerca dessa literatura.

Começo por apresentar uma breve seleção de poemas de Silva Freire, que constam do livro *Águas de Visitação*:

garimpo da infinitude

o garimpo talha
moe
remoe
moenda
remorrendo
na brita do sol
no brilho da vida
no budum do lençol

Nesse primeiro trecho do poema **garimpo da infinitude**, destaco a imagem plástica advinda da “peneira”, que seleciona as palavras dos grãos do garimpo, (penso em Cabral em “Catar feijão”) utilizando-se de gradações com derivações impróprias: *moe/remoe/moenda/remorrendo*. Ele parte do verbo primitivo “moer”, passa ao derivado “remoer” e chega ao substantivo “moenda”, que faz lembrar as moendas das senzalas e leva ao neologismo verbal “remorrendo”. A base dessa “pirâmide” está sustentada sintaticamente por três adjuntos adverbiais de lugar que fecham essa estrofe inusual. O jogo sonoro inventado pelo poeta começa pela aliteração, do /m/, /r/ e encerra com a consoante bilabial, surda /b/. Novamente utiliza-se de gradações como em *brita/brilho/budum/*, assim como em *sol/vida/lençol*, que mistrou o surreal “o garimpo talha”, que faz lembrar o entalhe que se faz com buril na madeira ou no metal, e encerra com “no budum do lençol” de forma sensual. Acumula-se uma imagem metafórica sinestésica e prosopopéica do garimpo, mostrando uma perfeita simbiose entre o ver (visão) e o sentir (tato).

O aspecto social não é deixado de lado no trecho abaixo:

- a barriga ruge
geme de gente
na boca da sede
na sede do engano
na seda da gema

Novamente ele usa amplamente os recursos sonoros nos dois primeiros versos, que quase chegam a se configurar como trocadilhos como em *na boca da sede/na sede do engano/na seda da gema*. No verso do meio ele utiliza-se de uma belíssima catacrese e *sede/sede* são apresentadas com grafias semelhantes e significados diferentes, preparando o verso para outra metáfora sinestésica. Desta feita são utilizadas *audição, visão e tato*.

O lirismo se apresenta sutilmente ao mostrar o que contém o bernal de garimpeiro, como se fosse um objeto de desejo:

	fumo goiano
	brilho de palha de milho
bernal	caxiri ou canivete
de	picuí
garimpeiro	grana
	e cartas da namorada

No poema **os oleiros** é possível verificar a luta contra a forma, um problema antigo com os parnasianos, não só de Mato Grosso:

- o forno/fogão
adelgaça
a alça
da
fôrma
na graça
da
forma

E volta o lirismo revestido de fé com uma conotação social bastante evidenciada, no primeiro trecho, e no segundo novamente a gradação verbal é utilizada *acha-se/enche-se/água-se de ave*, desembocando em uma imagem surreal que prepara os versos insólitos – o *oleiro argamassa a solidão/despojada de saibro* num contraste entre o concreto e o abstrato que se constroem metaforicamente:

- a prensa
preme
a epiderme
do salário
na prece
que o oleiro tece

(...)

- chove no barreiro:
a olaria acha-se
enche-se
água-se de ave

- o oleiro argamassa a solidão
despojada de saibro

No poema **carvoeiro/vegetal** volta a preocupação com o social e, ao mesmo tempo, Silva Freire não se descuida da forma, conforme se verifica no segundo trecho:

(...)

- a explosão da fornalha
na cara do carvoeiro
é imposto que a terra cobra
no altar da fabricação

	traja	raja	franja	lento	arde
- a tarja a	a	a	no	que o	
	Face fala	tarde	luto	carvão	

Uma carga de lirismo sensual dá-se através da erotização da palavra em dois trechos distintos do poema **canavial**. Além disso, destaco o tom de humor leve (penso em Manuel Bandeira com seu lirismo desvelado):

(...)

- uma estrela foi se trocar
atrás do canavial...
: a fazenda se iluminou
de vírgulas semi-nuas

(...)

- do cerrado o canavial espele
a lenta esfregação sensual das
moendas...

Um dos trabalhos mais elaborados esteticamente penso que se encontra no poema **os pássaros**. Destaco, além disso, o neologismo em *no enfeite que ninha* e a belíssima metáfora do segundo trecho *ornato no olfato do ovo/orfanato dentro do ninho*, momento em que o eu-lírico apresenta uma imagem forte de pássaro empalhado. O fato de ele apresentar-se empalhado representa metonimicamente a destruição da própria natureza:

- o pássaro gora o vôo
no enfeite que ninha...

(...)

- pássaro empalhado
mentira de vôo
áspero resumo da elegância
enfeite ausente do canto
ornato no olfato do ovo
orfanato dentro do ninho

(...)

O que disse Wladimir Dias Pino acerca da poesia de Silva Freire:

[...] As linhas/colunas de seus poemas experimentais adquirem valores e possibilidades próprias que não podem ser chamados de versos. São vocábulos giratórios como uma estrutura de átomo. Dele já se pode dizer: não mais o poema expressando objetos, mas o próprio poema sendo usado como objeto versátil. É quando o espaço perde o sentido de representação para ganhar a funcionalidade.

Este artigo é fruto de uma preparação inicial para o meu doutorado. Análises mais aprofundadas serão realizadas nesse período, inclusive com uma bibliografia ainda mais densa. Nesse sentido, o artigo aqui apresentado, na verdade, tem uma preocupação primeira de trazer para discussão dois importantes autores que merecem ter uma atenção maior da academia. Encerro o presente texto com um poema de Wladimir Dias Pino, seguido de um comentário escrito por Augusto de Campos e publicado no **Suplemento do Estado de São Paulo**, em 1966.

Perfil é como o tempo
e a cal do cansaço
unânime e poroso
que envelhece a dor
e amarga a ruga
o suor essa amassada resina.

Perfil todos seus sons
seus riscos, seus achados
sua tatuagem negra
suas dobras, seus rentes
como o contorno do som
como a letra se exprime.

(Trecho do livro *A MÁQUINA ou a coisa si*)

A rebeldia de Wladimir se manifesta, ainda, ao nível semântico, pela dessacralização do “poético”, por meio de um sistemático “culto do feio” ou do “mau gosto” em “Os Corcundas”, a que se vem adicionar o “culto da máquina (tipográfica)” em “A máquina ou a Coisa em Si”: em ambos os casos ocorre a intromissão de um vocabulário rejeitado em poesia e que pela constante reiteração chega a ser, mais do que prosaico, propositadamente incômodo e perturbador.

O bloqueio à sintaxe convencional se faz ainda mais pronunciado em “A Máquina ou a Coisa em Si”, conjunto de poemas desmontáveis (em páginas soltas) de versos desmontáveis. Augusto de Campos / Suplemento do Estado de São Paulo (1966) (apud DIAS-PINO, 1982, p.32)

Finalizo dizendo que pretendo realizar um levantamento de textos publicados a partir da segunda metade do século XX, no Brasil, com o objetivo de analisar a consolidação da poesia visual como poética de vanguarda e o movimento intensivista como defesa da cultura popular mato-grossense.

A poesia concreta, visual, experimental e outras delas derivadas possuem estudos bastante dirigidos e normalmente tomam o movimento como um todo e poucos trazem um estudo mais aprofundado dos autores. Nesse sentido, penso em um projeto que discuta a inserção da crítica dessa poética, juntamente com outras poéticas, caso contrário, se correria o risco de circunscrevê-la em mesas de semiótica e poéticas de vanguarda tão somente. Cada um desses autores teve pouca atenção da academia, seja em dissertações de mestrado, seja em tese de doutorado. Conforme foi dito em outro momento, a comparação das suas poéticas é um exercício quase pioneiro, do ponto de vista da análise literária.

O projeto em si terá como base a pesquisa bibliográfica, estabelecendo interdisciplinaridade com a História Literária, os Estudos Literários. Utilizarei algumas obras fundamentais da Teoria da Literatura, História da Literatura Mato-Grossense, assim como obras sobre poéticas de vanguarda e logicamente obras dos próprios autores, assim como os estudos críticos já produzidos por estudiosos e publicados em periódicos e livros especializados.

O que é fato é que partirei da metrópole para o interior. Nesse processo antropofágico nasce uma literatura modernista consistente no Estado de Mato Grosso. É hora de dar voz a esses dois poetas. Em *Dialética da Colonização*, Alfredo Bosi debate o processo de colonização e encontra nele marcas dos antigos romanos. *Na expressão verbal do ato de colonizar opera ainda o código dos velhos romanos* (1982, p. 12). Nesse debate o autor aponta a colonização não como um simples processo migratório, mas “*é a resolução de carências e conflitos da matriz e uma tentativa de retomar sob novas condições, o domínio sobre a natureza e o semelhante que tem acompanhado universalmente o chamado processo civilizatório*” (1982, p. 13).

Wladimir Dias Pino e Silva Freire foram vanguardistas não apenas no seu estado natal, mas, sobretudo, colocaram em prática poéticas arrojadas entre tantos movimentos de vanguarda que se apresentaram durante o século XX. O parnasianismo não acabou com a literatura em Mato Grosso, muito pelo contrário, a sua história literária ainda precisa ser mais bem contada a partir do século XX até chegar aos contemporâneos.

Aceito para publicação em 23/04/2007.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOSI, Alfredo. *Dialética da colonização*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- _____. *O ser e o tempo na poesia*. São Paulo: Cultrix, 1990.
- CARVALHO, Carlos Gomes de. *A poesia em Mato Grosso*. Cuiabá: Verdepantanal, 2003.
- DALATE, Sérgio. Wladimir Dias Pino e o livro de artista. In: RAMOS, Isaac; RODRIGUES, Agnaldo (Orgs.). *Ensaio de literatura comparada: Portugal, Brasil, Angola, Cabo Verde*. Cáceres: Editora UNEMAT, 2004. p. 119-127.
- FREIRE, Silva. *Presença na ausência do tempo*. In: DIAS-PINO, Wladimir (Org.) *Trilogia Cuiabana*. Cuiabá: EDUFMT, 1991. v. 1.
- _____. *Na moldura da lembrança*. In: DIAS-PINO, Wladimir (Org.) *Trilogia cuiabana*. Cuiabá: EDUFMT, 1991. v. 2.
- _____. *Águas de visitaço*. 4. ed. Cuiabá: Leila Barros Silva Freire, 2002.
- GALVÃO, Dácio Tavares de Freitas. *Da poesia ao poema: leitura do poema-processo*. Natal: Zit gráfica e editora, 2004.
- LIMA, Marinei Almeida. Wladimir Dias Pino e o intensivismo. *Revista Ecos*, Cáceres, n.2, p.37-44, 2004.
- MAGALHÃES, Hilda Gomes Dutra. *História da literatura de Mato Grosso: século XX*. Cuiabá: UNICEN, 2001. (Coleção Tibanaré).
- SILVA LEITE, Mário Cezar (Org). *Mapas da mina: estudos de Literatura em Mato Grosso*. Cuiabá: Cathedral Publicações, 2005.
- MENDONÇA, Rubens de. *História da literatura mato-grossense*. 2. ed. esp. Cáceres: Unemat Editora, 2005.
- PAZ, Octavio. *La casa de la presencia: poesia e história*. In: _____. *Obra completa*. 2.ed. México: Fondo de Cultura Económica, 2003. v.1.
- _____. *O arco e a lira*. Tradução de Olga Saravy. Rio de Janeiro: Nova Fronteira 1982.
- PINO, Wladimir Dias. *Processo: linguagem e comunicação*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1973.
- _____. *A separação entre inscrever e escrever*. Catálogo de exposição. Cuiabá: Edições do Meio, 1982.
- RAMOS, Isaac Newton Almeida. *Sete ensaístas e um destino*. *Revista Ecos*. Cáceres, n.1, p.189-199, 2004.
- TELES, Gilberto Mendonça. *Vanguarda européia e modernismo brasileiro*. Petrópolis: Vozes, 1977.



